

BACON

Sem ter sido ele próprio um cientista, Francis Bacon (1561-1626) foi um dos mais influentes pensadores da Modernidade, especialmente na discussão da metodologia científica. Hegel, em suas *Lições de história da filosofia* (1833), afirma que o surgimento da filosofia moderna (“*neue Zeit*”, “novos tempos”, é a expressão que emprega) foi influenciado por Bacon, Descartes e Jakob Böhme.

Bacon pertencia a uma família nobre inglesa com muitas relações na corte de Elisabeth I. Exerceu altos cargos na área jurídica, como o de *attorney general* (com atribuições de procurador-geral e ministro da Justiça), chegando posteriormente ao elevado cargo de lorde chanceler durante o reinado de Jaime I, tendo recebido os títulos de barão de Verulam e visconde de Saint Albans. Caiu depois em desgraça por motivos políticos, em meio a uma crise entre o parlamento e o rei.

Embora não tenha produzido diretamente nenhuma grande contribuição à ciência natural nem realizado descobrimentos científicos significativos, Bacon destacou-se por sua discussão do método científico e pela crítica a Aristóteles e à tradição escolástica, sendo por isso considerado o iniciador do empirismo moderno. Em seu *Novum organum scientiarum* (1620), parte central de sua *Instauratio magna* (“a grande obra”), apresenta uma alternativa à lógica e ao método científico conforme estabelecidos por Aristóteles no *Organon*, propondo uma ciência experimental com base em um método indutivo.

Defendeu também a importância do conhecimento científico para a sociedade e foi um dos inspiradores para a fundação da Royal Society, em 1660, assim como da Académie des Sciences na França (1666), que teve como referência o “projeto de Bacon”. Também Kant reconhece sua importância e seu pioneirismo na discussão de questões epistemológicas e metodológicas, usando como epígrafe da *Crítica da razão pura* (1783) uma citação de Bacon.

É no *Novum organum* (I, 3) que encontramos a famosa afirmação sobre o papel da ciência, sobretudo entendida como ciência experimental: “O conhecimento e o poder do homem são sinônimos”; saber algo é saber fazer, produzir efeitos, o que vem a ser uma das formulações características do “Argumento do conhecimento do criador”,¹ frequente no pensamento moderno. Um conhecimento é válido pelos resultados que produz.

Para Bacon, a ciência, no sentido experimental, é um importante instrumento de desenvolvimento da sociedade e deve contribuir para o bem-estar dos indivíduos. *The Advancement of Learning* (*Progresso da ciência*) relaciona o desenvolvimento do conhecimento científico com o progresso social e a possibilidade de transformação da sociedade.

Sua filosofia crítica se encontra sobretudo na formulação da famosa doutrina dos ídolos no *Novum organum*. Segundo Bacon, nosso pensamento é dominado por determinadas concepções que nos levam ao erro e das quais precisamos nos libertar se quisermos avançar no conhecimento, através da observação da natureza e da experimentação. Para isso, o “homem deve ser como uma criança diante da natureza”, livre de preconceitos e podendo observá-la como pela primeira vez.

Por outro lado, Bacon reflete as ambiguidades dos pensadores de sua época, ao não aceitar a tese de Copérnico sobre o sistema heliocêntrico e o movimento da Terra (*Novum organum*, livro II, XXXVI), que considerava uma hipótese meramente especulativa.